



FALEIROS, R. N. *Homens do café: Franca, 1880-1920*. Ribeirão Preto, SP: Holos Editora, 2008. 161 p.

---

Tatiana Pedro Colla Belanga

Doutoranda em História Econômica - IE/UNICAMP

*Homens do Café: Franca, 1880-1920* é resultado da pesquisa realizada por Rogério Naques Faleiros em forma de Dissertação de Mestrado desenvolvida no Instituto de Economia da Unicamp e defendida em novembro de 2002. A obra se destaca por seu caráter regional, sua compilação e sua análise de dados e documentação específicos, revelando um esforço de pesquisa e originalidade no que concerne ao tratamento de fontes cartoriais escassamente exploradas pela historiografia do complexo cafeeiro.

Ao valer-se dessas fontes, o autor lidou com escrituras de contratos de formação e trato de cafeeiros lavradas no município de Franca, que emergia como centro produtor de café no contexto do alargamento da fronteira do cultivo deste.

O estudo discute quais foram as relações de trabalho estabelecidas e as possibilidades de ascensão social dos trabalhadores rurais no contexto da formação e do desenvolvimento da cafeicultura em Franca, tendo como marco inicial a década de 80 do século XIX, ainda sob a forma de trabalho escravo, até 1920, com o término do fluxo migratório de maior volume para o município. O livro é dividido em três partes, e nessas se mostra de forma objetiva a evolução das relações de trabalho.

Na primeira parte a discussão centra-se nas preocupações sobre a articulação estabelecida entre grandes proprietários e pequenos sitiantes, assim como a questão do trabalho escravo e sua desagregação. A existência do café no município já datava de período pré-1890, porém, é nesse ano que a cafeicultura passou a orientar toda a vida dos homens de Franca, subjugando as demais atividades econômicas da região. O primeiro capítulo, “A década de 1880: café, escravidão e ferrovia”, destaca a característica da região de Franca com relação a sua inserção no plantio de café. A predominância da pequena e média propriedade, a não-existência da terra roxa e todo um

conjunto populacional voltado a outras atividades de certa forma apresentariam resistências à implantação do café nos moldes até então aplicados, gerando repercussões quanto à implantação de uma estação de estrada de ferro Mogiana em Franca, inaugurada em 1887.

O trabalho cobre um período em que a cafeicultura descreveu trajetórias de expansão, de crise e de retomada, e, nesse período, ocorreu a transição do trabalho escravo para o trabalho livre. A década de 80 do século XIX foi um período de desenvolvimento da cafeicultura na região e das políticas imigratórias direcionadas às principais regiões produtoras do Estado. Na década seguinte, houve a explosão e consolidação do café como principal atividade econômica do município: a presença do imigrante foi cada vez mais constante.

A segunda parte do estudo, cujo título é “A imigração e os domínios da produção: homens, trabalho e cafeicultura”, trata das relações de trabalho estabelecidas entre fazendeiros e imigrantes das lavouras francanas, assim como traça um paralelo entre o desenvolvimento da cafeicultura e o crescimento da população imigrante no município.

À medida que o trabalho permite ao leitor um aprofundamento no entendimento dos condicionantes obtidos pelo estudo da cafeicultura em Franca, ele revela situações que atuaram como reforço e como variações no âmbito das relações de trabalho estabelecidas entre fazendeiros e trabalhadores rurais na produção e na distribuição da renda gerada, evidenciando os mecanismos de extração de excedente que permitiam a continuidade da atividade em momentos distintos. A sobrevivência da cafeicultura esteve diretamente ligada às relações de trabalho analisadas no livro por meio da investigação e de análises dos registros cartoriais.

Na terceira e última parte, “Homens em movimento: mobilidade social, pequenas propriedades e a dinâmica do crédito”, são considerados os impactos da crise de 1898-1906 nas relações de trabalho e a conseqüente transformação da estrutura fundiária, que impôs o trabalho familiar e a parceria como formas dominantes. A emergência da pequena propriedade em Franca ligou-se mais diretamente às mudanças causadas pela crise e as estratégias colocadas em prática do que às possibilidades de acumulação de riqueza trabalhando-se como colono.

Com a crise do final do século XIX, os antigos colonos adquiriram pequenas porções de terras, em concordância com o perfil fundiário regional, marcado pela predominância de pequenas propriedades, perfil de propriedade

Tatiana Pedro Colla Belanga

que se manteve predominante na região até 1920. Basicamente, essas unidades produtoras foram operadas pelo trabalho familiar, dispensando-se a contratação de trabalhadores adicionais.

Essa obra abarca um caráter regional, significativo em sua originalidade no trato das fontes, assim como a incumbência de cobrir uma lacuna: a não-existência de um trabalho sobre Franca tendo a cafeicultura como foco.

Assim, o trabalho ilumina o conjunto da atividade cafeeira numa abordagem localizada. No entanto, os nexos casuais permitem assumir uma perspectiva muito mais ampla, aquela de um capitalismo específico que moldou e estabeleceu limites ao desenvolvimento e diversificação da economia.

Interessa, portanto, àqueles que buscam um trabalho específico, como a todos os interessados nas novas possibilidades de agregar à pesquisa de história econômica dados e interpretações que corroboram com o engrandecimento do tema, que, sempre, com maior ou menor intensidade, foi de interesse de muitos dos pesquisadores em história: a questão do café no Brasil e suas variantes.